



FRANTZ FANON OS CONDENADOS DA TERRA

letra livre

FRANTZ OMAR FANON nasceu a 20 de Junho de 1925, na ilha da Martinica.

Descendente de escravos africanos, cresceu numa família de classe média, com oportunidade de frequentar o liceu, onde foi aluno e se tornou amigo do escritor e militante anticolonialista Aimé Césaire.

Aos 18 anos, durante a Segunda Guerra Mundial, Fanon juntou-se às Forças Livres Francesas, que operavam a favor dos Aliados na ilha de Dominica, e combateu por vários anos no Norte de África e em França. A agudização do racismo que se fez sentir nos anos de guerra e a experiência do nazismo em muito contribuíram para a politização e dissidência de Fanon.

Após a guerra, regressou a Martinica, onde fez campanha pela eleição de Aimé Césaire a deputado à Assembleia Nacional francesa. Virá, porém, a discordar do ideólogo da negritude, e especialmente dos pressupostos desta teoria.

Em 1946, Fanon consegue uma bolsa para estudar em França e inicia o curso de psiquiatria, que termina em 1951, principiando por exercer em França e, depois, na Argélia. É aí que toma contacto com a guerra de independência, aderindo à Frente de Libertação Nacional. Neste período, começa a escrever *Os Condenados da Terra*, em que defende a inevitabilidade do recurso à violência na luta pela independência.

Em Paris, em Setembro de 1956, quando do Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros, fez uma notável intervenção sobre «Racismo e cultura», sendo um dos articuladores do comunicado final, que condenava em termos claros o colonialismo.

Em 1957, na sequência das suas actividades clandestinas de resistência, Fanon foi expulso da Argélia. A partir daí, desenvolveu uma actividade política representando a FLN em diferentes conferências e fóruns internacionais. Enquanto conselheiro do governo provisório argelino, fez, em 1960, diversos contactos, em Roma e Acra, com militantes anticolonialistas angolanos e guineenses, no sentido de apoiar a luta contra o colonialismo português, proporcionando ainda treino militar nos campos da FLN. Este seu envolvimento na solidariedade aos movimentos de libertação manteve-se até à altura em que lhe foi diagnosticada uma leucemia, de que veio a morrer, em 1961, com 36 anos, nos Estados Unidos.

Frantz Fanon é autor, entre outros livros, de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), *Os Condenados da Terra* (1961), e o póstumo *Pela Revolução Africana* (1964).

**FRANTZ
FANON**

**OS
CONDENADOS
DA
TERRA**

TRADUÇÃO
António Massano

PREFÁCIO
Inocência Mata

letra livre

TÍTULO

Os Condenados da Terra

TÍTULO ORIGINAL

Les damnés de la terre

AUTOR

Frantz Fanon

TRADUÇÃO

António Massano (revista em 2015)

REVISÃO

Andreia Baleiras

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva | www.alfaiataria.org

IMPRESSÃO

Eigal

© Librairie François Maspéro / Éditions La Découverte, Paris, 1961, 2002, préface de Jean-Paul Sartre (1961), préface de Alice Cherki et postface de Mohammed Harbi (2002).

© Fotografia da capa — (1963-1973), «Combatentes do PAIGC», casacomum.org, disponível em <http://casacomum.org/cc/pesqArquivo.php?termo=43826> (2015-3-24).

Fundação Mário Soares, Documentos Amílcar Cabral.

© Texto de Mário Pinto de Andrade — (1982) «Fanon et l'Afrique Combattante.

Témoignage d'un militant angolais», comunicação de Mário Pinto de Andrade»,

casacomum.org, disponível em <http://casacomum.org/cc/pesqArquivo.php?termo=84826> (2015-3-24). Fundação Mário Soares, Arquivo Mário Pinto de Andrade.

2.^a Edição

Livraria Letra Livre, 2021

ISBN 978-989-8268-48-8

DEPÓSITO LEGAL 478883/21

Livraria Letra Livre

Calçada do Combro, 139

1200-113 Lisboa

Tel. 21 3461075

www.letralivre.com | letralivre@sapo.pt

A PERTINÊNCIA DE SE LER FANON, HOJE

INOCÊNCIA MATA

SUNDIATA, Keita (c. 1217-c. 1255) – Imperador do Mali, fundador do Império malinqué.

TOURÉ, Ahmed Sékou (1922-1984) – Político guineense. Fundou, em 1945, o primeiro sindicato da Guiné e, em 1952, o Partido Democrático da Guiné. Foi eleito presidente em 1958, altura da proclamação da independência da Guiné, perpetuando-se no poder até 1982.

TOURÉ, Samory (1830-1900) – Guerreiro e soberano malinqué. Nasceu na actual Guiné e morreu no Gabão. Fundador do Império Mandinga, que resistiu ao jugo francês na África Ocidental de 1882 a 1898.

TSHOMBÉ, Moisés Kapenda (1919-1969) – Político congolês anti-comunista e pró-ocidental. Após a independência do Congo Belga, proclamou a independência da província do Catanga e proclamou-se chefe de Estado.

UÁDI – Nas regiões áridas do Norte de África, leito do rio, barranco de paredes abruptas ou vale pelo qual correm as águas na estação das chuvas.

UPA – União Popular de Angola.

WRIGHT, Richard (1908-1960) – Escritor negro americano.

YOULOU, Fulbert (1917-1972) – Padre, líder nacionalista e político do Congo-Brazzaville, de que foi o primeiro presidente. Deposto em 1963.

ÍNDICE

A PERTINÊNCIA DE SE LER FANON, HOJE	5
I SOBRE A VIOLÊNCIA	37
Sobre a violência no contexto internacional	97
II GRANDEZA E FRAQUEZAS DA ESPONTANEIDADE	109
III DESAIRES DA CONSCIÊNCIA NACIONAL	151
IV SOBRE A CULTURA NACIONAL	209
Fundamentos recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação	242
V GUERRA COLONIAL E PERTURBAÇÕES MENTAIS	255
Sobre a impulsividade criminosa do norte-africano na guerra de libertação nacional	304
CONCLUSÃO	321
FANON E A ÁFRICA COMBATENTE	329
TESTEMUNHO DE UM MILITANTE ANGOLANO	329
GLOSSÁRIO	341



O livro *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon, foi inicialmente publicado pela Livraria Letra Livre, na cidade de Lisboa, em 2015, noventa e um anos após o nascimento de Amílcar Cabral, no 40.º aniversário da independência das colónias portuguesas, e no ano do falecimento de François Maspero, editor de Frantz Fanon e de Amílcar Cabral, que influenciou várias gerações de anticolonialistas e anti-imperialistas.

É oportunamente reeditado em 2021, numa tiragem de mil exemplares.

Composto de cinco capítulos, que continuam as problemáticas de livros anteriores (especialmente *Pele Negra, Máscaras Brancas*), *Os Condenados da Terra* parece ser, de facto, um livro testamentário, sobretudo tendo em conta o seu momento de escrita. Assim, a alienação cultural e seus traumas, a internalização da dominação (hoje falar-se-ia de subalteridade) e suas consequências na fragmentação da cultura nacional (cuja existência Fanon recusa em situação colonial pois considera que esta paralisa na sua totalidade a cultura nacional), a relação entre cultura nacional e lutas de libertação, as ideologias nacionalistas e seus equívocos, os programas (mínimos e máximos) dos movimentos nacionalistas e seus falhanços, o *modus operandi* monolítico dos poderes pós-coloniais e suas semelhanças com o poder colonial, o papel da burguesia e da «nova» elite, as ideologias dos nacionalistas africanos (que Fanon considera terem sido importadas), as ambiguidades do «intelectual colonizado», as frustrações do ex-colonizado face ao novo país são matéria de *Os Condenados da Terra*: uma análise multi e transdisciplinar, multidimensional, da violência como realidade inerente à situação colonial, que está presente em todas as expressões materiais e simbólicas da sociedade, mesmo depois das independências, detendo-se demoradamente na terapêutica da violência como inevitável.

INOCÊNCIA MATA

Hoje, a independência nacional, a formação nacional nas regiões subdesenvolvidas revestem aspectos totalmente novos. Nessas regiões, exceptuando alguns progressos espectaculares, os diferentes países apresentam a mesma ausência de infra-estrutura. As massas lutam contra a mesma miséria, debatem-se com os mesmos gestos e desenham com os seus estômagos encolhidos aquilo a que se passou a chamar a geografia da fome. Mundo subdesenvolvido, mundo de miséria e desumano. Mas também mundo sem médicos, sem engenheiros e sem administradores. Perante tal mundo, as nações europeias chafurdam na mais ostensiva das opulências. Essa opulência europeia é literalmente escandalosa porque foi construída à custa dos escravos, alimentou-se do sangue dos escravos, vem directamente do solo e do subsolo desse mundo subdesenvolvido. O bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos indianos e dos amarelos. Isso, decidimos nunca mais o esquecer.